

# SCH INTERVIEW

12/12/08

Entrevista com  
Pierre Devin



## O projeto Croix du Sud

para schoeler editions

**sch - Qual é a origem de seu interesse pela fotografia brasileira?**

**PD** - Desde a fundação do Centre Régional de la Photographie - Nord Pas de Calais , CRP, em 1981 estive atento e preocupado em promover uma abertura sobre a fotografia desconhecida dos franceses, seja europeia ou estrangeira, nas minhas programações de edições, exposições ou outras ações ligadas a criação. Um dos eixos maiores desta política internacional foi a América Latina. Em 1984 realizei a primeira exposição de Graciela Iturbide na França. Editei e co-produzi o livro "*treintamil*" do fotógrafo argentino Fernando Gutierrez, em ocasião de um longo ciclo dedicado a Fotografia deste país.

Depois 1991 o CRP esteve em contato direto com o grupo NAFOTO de São Paulo,

organizadores do Mês Internacional de Fotografia. é evidente que eu sempre me interessei pela fotografia brasileira, sempre escondida na Europa, nesta época, pela onipresença de Sebastião Salgado e Miguel Rio Branco.

Em 1997 vim ao Brasil convidado pelo NAFOTO para fazer uma conferência no MIS sobre a utilização da fotografia como suporte de motivação para formação e também para a primeira exposição de Bernard Plossu. Meu intercâmbio com a fotografia brasileira continuou extremamente produtivo com colaborações entre diferentes Instituições brasileiras de norte ao sul do país. Em 1998 na ocasião da Copa do Mundo, organizei junto com o NAFOTO uma exposição de 12 fotógrafos brasileiros com a publicação de um catalogo bilingüe sobre o futebol. Em 2001 foi a vez da retrospectiva dos ensaios de Eustaquio

# SCH INTERVIEW

12/12/08

Neves e a exposição " A noite" de Fabiana Figueiredo que em 2005 tem sua participação na Mission Transmanche, caderno 26 - MIGRANCES, em 2004 fiz uma grande pesquisa para a participação como curador convidado na Bienal Internacional de Liege, Bélgica, dedicada ao Brasil. O resultado mais significativo foi a retrospectiva da obra de Ana Regina Nogueira. Em 2007 lancei no Brasil , pela *La Chambre Noire*- Paris, a coleção *Tiré à part*, de portfólios em jato de tinta com a participação para o portfólio N 3 da fotografa paulista Nair Benedicto. Visto o interesse com relação a este novo vetor, igualmente o interesse de inúmeros fotógrafos que não possuem a visibilidade desejada, me parecia útil e necessário refletir sobre uma coleção dedicada especificamente a fotografia brasileira e que me permitisse também de descobrir e compreender a enorme complexidade deste pais que me interessa a tanto tempo. Sou de uma geração militante e muito aberta para o mundo, a musica brasileira teve um grande impacto na França nos anos sessenta. O golpe militar de 1964 foi vivido como um trauma e no meio disto apareceu Glauber Rocha que foi para mim uma experiência muito marcante e significativa na minha formação e trajetória pessoal, ao ponto de viver atualmente no Brasil.

**sch - Como surgiu o seu interesse por estas novas tecnologias para desenvolver projetos de edições?**

**PD** - O livro é o vetor e o espaço principal da fotografia desde a sua origem, particularmente autoral. O custo da produção de um livro offset não facilita , principalmente para os fotógrafos desconhecidos, a produção de um livro de autor. Desde 1999 venho utilizando estes novos meios de impressão digital , primeiro para os meus projetos fotográficos pessoais, como o ensaio sobre o Nordeste, e depois nas pesquisas do CRP, e mesmo com a fragilidade dos pigmentos daquela época, vi que seria um novo território interessante a explorar. Foi assim que lancei em 2004 o primeiro portfólio em jato de tinta de Daniel Michiels, pelo CRP , sucesso de vendas

apesar do autor não ser um sucesso de mídia. O que seduziu o público foi o alto nível de qualidade artística, técnica e a poética da proposição.

A diversificação de suportes neutros e de pigmentos duráveis me permitiram em seguida imaginar a transformação desta experiência em uma linha durável de edições para o CRP, onde publiquei cinco portfólios na coleção *Feuille à Feuille*, em seguida outros três portfólios pela *La Chambre Noire* – Paris na coleção *Tiré à Part* e agora esta nova coleção *Croix du Sud*, pela Schoeler Editions.

**sch - Que tipo de espaço é o portfólio na sua concepção?**

**PD** - *Le portefeuille*, portfólio em inglês, como seu nome indica, é uma seleção de folhas volantes guardadas em um recipiente rígido que facilite sua apresentação, assegura a perenidade e se propõe como um objeto transportável e durável. Existem portfólios reagrupando desenhos, estampas, gravuras. A dimensão, obra de artista assinado, série limitada, virou uma regra na onda de portfólios com fotografias originais, e conheceram um certo sucesso particularmente nos meados dos anos 80 na Europa. Esta interessante aventura foi rapidamente limitada pela falta de compradores, os colecionadores não estavam prontos a despender uma soma relativamente importante por uma caixa de 15 fotografias originais, assinadas uma a uma pelos autores, em geral clássicos da fotografia européia, (estávamos somente no começo da aceitação da fotografia no campo da arte e seu mercado na Europa).

As tecnologias digitais neste estado atual de qualidade de gravação, diversidade e durabilidade dos suportes nos permitem reabrir este território para a fotografia de uma maneira inovadora. No conceito portfólio como forma de livro de artista, inovadora na produção, promoção, distribuição e também na questão dos direitos autorais, pois se trata de um território novo.

Como já discutimos, o livro offset é um peso enorme em termos dos custos de produção,

# SCH INTERVIEW

12/12/08

isto se complica pelo sistema de difusão e distribuição do livro onde as grandes redes viraram verdadeiros hipermercados de bens culturais. A massificação suporta mal os produtos atípicos. A idéia foi de produzir uma série curta, (máximo 20 pranchas), de grande intensidade, compatível com a versatilidade do portfólio na sua utilização, que poderá ser individual ou coletiva. O indivíduo se aproxima deste objeto com a mesma distancia que do livro. O lugar do portfólio é também a biblioteca. A característica folha "solta" permite uma utilização coletiva, seja em escolas, instituições, ou simplesmente um encontro entre amigos, permitindo um contato direto das pessoas com um objeto de arte. Estamos numa dimensão superior do que Andre Malraux chamava de *musée imaginaire*.

A versatilidade é também uma característica de sua produção, sob encomenda, just on time, sem estoque, artesanal. A assinatura do autor é também um sinal de controle de qualidade de produção.

## **sch - Por que este é um vetor pertinente para a difusão da fotografia brasileira?**

**PD** - Desde Hercule Florence a historia da fotografia neste pais tem sido extremamente fecunda. Numerosas obras foram e são produzidas e restam, na maioria das vezes, desconhecidas. Até hoje clássicos da fotografia brasileira não possuem livros em offset, sem falar na produção contemporânea que continua a utilizar a fotografia como sua especificidade enquanto arte visual. O custo de produção em offset e o problema do financiamento da cultura no Brasil são, sem duvida, algumas das explicações.

Propomos para os fotógrafos brasileiros na coleção *croix du sud* um vetor inédito, de nova geração com todas as qualidades técnicas necessárias. Penso portanto que o portfólio será para um certo número de fotógrafos um primeiro espaço de visibilidade enquanto autor, no Brasil e também no exterior.

## **sch - Qual o interesse do portfólio para os colecionadores? E qual o interesse de publicações com tecnologia digital para o publico em geral?**

**PD** - A primeira idéia é que podemos formar uma nova classe de colecionadores emergentes para um novo tipo de objeto com um preço relativamente acessível. Esta nova categoria de colecionador poderá ser também a coletividade, ou seja, escolas, instituições publicas ou privadas, empresas, bibliotecas, artotecas.

Para o colecionador tradicional a oferta é de um produto de qualidade, edição limitada, assinado pelo artista. Quanto mais exemplares vendidos, menor oferta, maior será o valor.

Com o processo offset digital um outro tipo de edição de livro pode ser imaginado.

## **sch - Como é a sua concepção de direção artística?**

**PD** - A direção artística deve ser uma escuta atenta do artista, que tenta questionar o mundo através das formas. Ela repousa sobre uma confiança recíproca. Ela pede ao diretor artístico uma imersão profunda na trajetória do fotógrafo. O diretor artístico é um espectador privilegiado e preocupado com as questões colocadas pelas formas já produzidas onde, as vezes, o autor não está, ainda, plenamente consciente. O diretor artístico deve utilizar meios apropriados para que o fotógrafo encontre soluções, ou seu caminho pessoal para "parir" uma forma eficaz que faça sentido. A questão do vetor pertinente, (instalação, vídeo, jornal, livro, portfólio, etc.) é central. Isto se faz através de um re-agrupamento, questionamento e decantação.

Desde a sua origem, o livro é um espaço privilegiado para a fotografia, um vetor considerável através do tempo e do espaço. Toda a produção deve ser iluminada por estas

# SCH INTERVIEW

12/12/08

considerações. A exposição permite um encontro direto entre o fotógrafo, o público e as obras, é um vetor complementar, mas totalmente efêmero.

Neste mundo da imagem digital, como fazer poesia, como propor uma interpretação sensível mantendo um senso ético e estético, continua sendo o desafio maior.

Para mim não existe nada de ditatorial na direção artística. Se ela existe é pela vontade dos dois protagonistas. Ela é a ocasião de um encontro profundo e humano.

## **sch - Qual são os seus critérios de escolha dos fotógrafos?**

**PD** - Primeiro critério para a escolha de um fotógrafo é que ele aceite trabalhar nestas condições e que ele aceite um retorno sobre o seu trabalho e por consequência um profundo mergulho na sua trajetória.

Os fotógrafos escolhidos serão autores, ou seja, fotógrafos capazes de produzir uma pesquisa significativa sobre a grande questão da fotografia. Pouco importa as escolas, os dispositivos ou o real referente, a resposta deve ser formalmente pertinente para nossa inteligência e sensibilidade. O que peço ao fotógrafo é que ele tenha estilo, não falo de efeito de estilo, falo de uma verdadeira distância pessoal e particular.

## **sch - Por que você escolheu no Brasil a Schoeler Editions? Existem outros projetos? Estes projetos seriam derivados do Croix du Sud ou independentes?**

**PD** - Os fundadores da Schoeler Editions tem uma boa experiência no campo da promoção da cultura fotográfica e são muito interessados em desenvolver projetos editoriais de alto nível internacional com as novas tecnologias digitais.

Minha colaboração com a Schoeler Editions é feita sob a base de um projeto artístico e cultural. O projeto *Croix du Sud* é o primeiro ponto de aplicação. A Schoeler Editions tem consciência que uma verdadeira política de difusão da fotografia necessita de outros vetores complementares. Outras coleções utilizando as novas tecnologias serão lançadas com a mesma preocupação artística e técnica.

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2008.

*Tradução: Fabiana Figueiredo*

*Revisão: Sônia Maia*